



CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO – UNILEÃO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

LIVIA FERNANDES DA SILVA

HÁ O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NA SOCIDADE
CONTEMPORÂNEA?

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2018

LIVIA FERNANDES DA SILVA

**HÁ O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NA SOCIEDADE
CONTEMPORÂNEA?**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito total para a
obtenção do título de graduada no curso
de Psicologia pelo Centro Universitário
Doutor Leão Sampaio.

Orientador: Raul Max Lucas da
Costa.

JUAZEIRO DO NORTE – CE

2018

HÁ O DECLÍNIO DA FUNÇÃO PATERNA NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA?

Lívia Fernandes da Silva¹

Raul Max Lucas da Costa²

RESUMO

Esse trabalho tem por objetivo refletir acerca do lugar do pai na família e na sociedade contemporânea. Sabe-se que com o advento das transformações sociais, como a quebra da hegemonia do patriarcado, modificações na esfera política com o crescimento de organizações democráticas e no campo econômico, através da expansão do capitalismo e o desenvolvimento de novas tecnologias os papéis familiares passaram a sofrer alterações, tanto nas suas configurações como nas relações entre seus membros. A partir de recortes psicanalíticos é possível fazer uma discussão psicossociológica acerca do lugar paterno dentro da família e na sociedade. Da figura paternatrabalhada por Freud em Totem e Tabu a uma função paterna conceituada por Lacan é possível visualizar que o pai passou a operar de forma diferente na era moderna, saindo de um lugar vertical autoritário para uma relação mais horizontalizada e mediadora. A partir das preposições psicanalíticas foi realizado um estudo bibliográfico de caráter exploratório a fim de levantar maiores apontamentos sobre essas questões. Através da literatura é possível perceber que o lugar do pai na contemporaneidade é um lugar de declínio, tendo efeitos culturais passíveis de serem discutidos, pois diante desse acontecimento o pai moderno é um operador psicológico e cultural que interdita o gozo e faz desejar, assim a crise no falocentrismo afeta tanto grupos e coletivos como os sujeitos nas suas singularidades. Nesse sentido, os efeitos do declínio da função paterna são capturados pelos discursos capitalista e científico, onde se fabrica outras formas de gozo que apontam para o estrangulamento das subjetividades e a eclosão de novos arranjos sintomáticos na modernidade, pautados em circuitos onde os objetos se sobressaem à própria condição desejante do sujeito.

Palavras-chaves: Pai. Função Paterna. Declínio. Modernidade. Sujeito.

ABSTRACT

This work aims to reflect on the place of the father in the family and contemporary society. It is known that with the advent of social transformations, such as the breakdown of the hegemony of patriarchy, changes in the political sphere with the growth of democratic organizations and in the economic field, through the expansion of capitalism and the development of new technologies, family roles have become alterations, both in its configurations and in the relationships among its members.

¹ Graduanda em Psicologia pelo Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. E-mail: livinhaa33@gmail.com.

² Doutor em Psicologia pela Universidade de Fortaleza, Psicanalista e Professor do Centro Universitário Doutor Leão Sampaio. E-mail: raulmax@leaosampaio.edu.br.

From psychoanalytic cut-outs it is possible to make a psycho-sociological discussion about the paternal place within the family and in society. From the paternal figure worked by Freud in Totem and Taboo to a paternal function conceptualized by Lacan it is possible to visualize that the father began to operate in a different way in the modern age, leaving an authoritarian vertical place for a more horizontalized and mediating relationship. From the psychoanalytical prepositions a bibliographic study of exploratory character was carried out in order to raise more notes about these questions. Through literature it is possible to perceive that the place of the father in the contemporaneity is a place of decline, having cultural effects that can be discussed, because before this event the modern father is a psychological and cultural operator that prohibits the enjoyment and causes to desire, crisis in phallogentrism affects both groups and collectives as subjects in their singularities. In this sense, the effects of the decline of the paternal function are captured by the capitalist and scientific discourses, where other forms of enjoyment are made that point to the strangulation of subjectivities and the emergence of new symptomatic arrangements in modernity, based on circuits where objects excel the very desire condition of the subject.

Keyword: Father. Paternal Function. Decline. Modernity. Subject.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da evolução histórica familiar a imagem do pai foi sofrendo diferentes modificações no laço social. A família não segue mais o modelo tradicional e houve mudanças no que diz respeito aos papéis simbólicos da instauração da lei no sujeito, gerando assim, uma possível falência na função paterna. De acordo com Heinemann e Chatelard (2012), a função paterna vem perdendo seu lugar como agente da castração, sendo substituída pelo avanço da ciência e do capitalismo e na contemporaneidade o sujeito quer gozar a todo custo, consumindo de imediato o que lhe é oferecido, encontrando novas formas de sintomas na cultura.

Ainda que existam modificações, a família possui um papel determinante na cultura. É responsabilidade da família, inserir o indivíduo na cultura e em outros grupos sociais, é também o lugar onde o indivíduo adquire suas identificações, e como consequência, a iniciação da sua estruturação psíquica. Vale ressaltar que, ao falar sobre a função paterna não nos referimos a uma pessoa e sim a um lugar a ser ocupado, uma função.

A ordem social tradicional tinha como característica conduzir o sujeito através das regras e sistemas estabelecidos, e pelo longo tempo de uma instituição, promovendo firmeza e garantia. Com as transformações socioculturais, diferente da

ordem tradicional, a modernidade seguida da contemporaneidade, já não se estabelece de tal forma a garantir a ordem (BIRMAN,1999).

As mudanças econômicas, jurídicas e sociais contribuíram para que essa ordem viesse a não se fazer cumprir nos tempos atuais. Vive-se em tempos de profusão de objetos reais que prometem gozo ilimitado e a ilusão de não se ter nenhuma falta; as imagens que nos perseguem são imagens da completude permitida por estes inúmeros objetos e a felicidade correspondente; enquanto, em termos simbólicos, todo aquele que ocupa o lugar de poder e de saber mostra-se cada vez mais ridicularizado, questionável e imposto (desde o chefe da nação, até o professor, os grandes mestres da cultura e o pai da família) (KUPFER, 2008).

Acerca dessa questão o objetivo do presente trabalho é refletir sobre o lugar do pai na família contemporânea, tendo como hipótese sustentada na psicanálise que na modernidade a sua função entrou em declínio. Para isso, foi realizado uma revisão bibliográfica de cunho exploratório nos bancos de dados e artigos científicos Scielo ,PePSIC, BVS-Psi e Google Acadêmico, bem como o uso de textos originais de Freud e Lacan.

Para subsidiar o estudo, a primeira seção traz um esboço histórico da família, da antiguidade desde a família contemporânea, como também, o lugar do pai dentro desse contexto. A segunda seção mostra as considerações psicanalíticas sobre o lugar do Pai no pensamento freudo-lacanian e a terceira seção falará sobre a função paterna na contemporaneidade e um possível declínio dentro dessa nova instituição familiar contemporânea.

2 MÉTODO

Este estudo consiste em uma pesquisa de cunho bibliográfico, no qual Gil (2002) diz que pode ser elaborada a partir de dados já publicados, sejam eles impressos, livros, revistas, jornais, teses, dissertações e também anais de eventos científicos. O autor considera que a pesquisa bibliográfica tem uma vantagem principal, que é oferecer ao cientista a permissão de vários fenômenos amplamente, diferente das pesquisas que tem uma realização direta em contato com um único objeto de estudo.

Considerando a importância da pesquisa bibliográfica, Lakatos e Marconi (2010) destacam que a pesquisa literária tem por objetivo colocar o pesquisador em

contato direto com os documentos já escritos sobre a temática estudada, assim como, o que já foi falado, gravado, ou através de produções cinematográficas. Esta permite ao pesquisador conhecer e analisar os problemas já existentes e buscar novas soluções e direcionamentos para outras pesquisas.

Com base nisso, esse trabalho tem como finalidade analisar nas obras psicanalíticas as implicações da função paterna na constituição familiar, o lugar da função paterna na sociedade contemporânea, bem como explicar acerca do declínio do patriarcado nos dias atuais. Para isso foi realizada uma revisão de autores tradicionais como Sigmund Freud (2015), Jacques Lacan (2003), Lebrun (2004), entre outros.

A coleta de dados foi realizada no período de agosto a novembro de 2018. As consultas foram realizadas em dissertações, livros, e artigos científicos nas seguintes bases de dados: *Pepsic*, *Scielo (Scientific Electronic Library online)*, *BVS-Psi* e *Google Acadêmico*. Foram utilizados como critérios de seleção artigos publicados na língua portuguesa, com a utilização das seguintes descritores para realização das buscas: Função Paterna, Psicanálise, Família, Contemporaneidade e Declínio.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 História da organização familiar.

O termo família tem origem do latim *famulus*, que determina o servidor, podendo ser compreendido como o lugar que dá origem ao *pater*, guardando em seu interior, a mulher, os filhos, os bens, os empregados e os servidores. Dessa forma, a família pode ser definida como um grupo social onde se apreende o vínculo coeso entre seus integrantes, estabelecendo uma consciência de singularidade (SOUZA, 2008).

O sentimento da família era desconhecido da Idade Média e nasceu nos séculos XV-XVI, para se exprimir com um vigor definitivo no século XVII. Os laços de sangue não constituíam um único grupo, e sim dois, distintos embora concêntricos: a família ou *mesnie*, que pode ser comparada à nossa família conjugal moderna, e a linhagem, que estendia sua solidariedade a todos os descendentes de um mesmo ancestral (ÀRIES, 1981, p.143).

No século XV os pais não tinham uma relação afetuosa com seus filhos. Nessas condições, a criança desde muito cedo escapava a sua própria família, mesmo que voltasse a ela mais tarde, depois de adulta, o que nem sempre acontecia. A família não podia, portanto, nessa época, alimentar um sentimento existencial profundo entre pais e filhos. A família era uma realidade moral e social, mais do que sentimental (ÀRIES, 1981).

Conforme Roudinesco (2003, p.19) discute que é possível distinguir três grandes períodos na evolução da família. O primeiro começa com a base tradicional da família, onde as relações eram pautadas na reprodução do legado familiar. Nesse momento, a preocupação girava em torno de assegurar e transmitir o patrimônio construído. Dessa forma, os casamentos eram arranjados e muitos eram feitos na idade precoce dos filhos. Já na era moderna, por volta do século XVIII-XX, é forjado o discurso do amor romântico, onde autoriza a concretização dos desejos carnavais pela via do casamento. Nesse contexto passa a (co)existir duas forças formativas a autoridade do Estado e a autoridade dos pais. Por fim, na contemporaneidade, por volta da década de 1960 a transmissão dessa autoridade vai sendo abalada, à medida que cresce o número de “divórcios, separações e recomposições conjugais”.

Como supracitado, na família dita moderna, ao longo de suas modificações se tornou mais afetiva. A família deixou de ser apenas uma instituição do direito privado para a transmissão dos bens e do nome, e assumiu uma função moral e espiritual, passando a formar os corpos e as almas (ÀRIES, 1981).

Entretanto, o rompimento das tradições, potencializou o individualismo, que insensatamente gera a expansão das perspectivas que passam do egoísmo para a desintegração do social, em junção com o progresso dos costumes e as mudanças dos entendimentos e o avanço científico-tecnológico, colocando os indivíduos em situações questionáveis acerca dos resultados dessas intensas mudanças. Assim, há o desprendimento dos fatores inconscientes, dos afetos, do corpo, da sexualidade, aprendendo o predomínio do âmbito da intimidade, até esse tempo, desconsiderada e recalcada pela cultura (SOUZA, 2008).

Para o entendimento dessa realidade pós-moderna, temos que criar uma “desconstrução” do conceito de casamento atrelado à constituição de uma família, já que o desenvolvimento da ciência permite a possibilidade da concepção “in vitro”, o que gera novos padrões de estrutura familiar. As famílias vão se constituindo de uma forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/ esposa do pai)

e os filhos e irmãos agregados. O pai perde substancialmente a tradicional figura e função, já que um grande número de famílias é constituído apenas pela figura materna (GOMES, 2003).

A família autoritária de outrora, triunfal ou melancólica, sucedeu a família mutilada de hoje, feita de feridas íntimas, de violências silenciosas, de lembranças recalçadas. Ao perder sua auréola de virtude, o pai, que a dominava, forneceu então uma imagem invertida de si mesmo, deixando transparecer um eu descentrado, autobiográfico, individualizado (ROUDINESCO, 2003).

À medida que o esposo perde sua condição de provedor da família e esse lugar é ocupado pela esposa, ocorre uma expressão de tensão e conflito conjugal, que, pela fragilidade dessa relação, não pode ser vivenciado, gerando o adoecer de toda a família (GOMES, 2003).

Corroborando com isso, Souza (2008) ressalta que o período contemporâneo é caracterizado pelo domínio individual e familiar, correspondente aos métodos de valores que favorece a autonomia e a renúncia dos sujeitos em acompanharem costumes relacionados ao exercício dos papéis sociais de cônjuges, das concepções passadas. Logo, acontece a recusa da instituição do casamento e a discordância com segmentação do trabalho entre homem e mulher. A autora evidencia que as mudanças no âmbito familiar possuem grande lógica, apesar de darem a entender que foi estabelecido uma desordem e incerteza.

Outro marco que afirma a individualização da família é a entrada do período da Revolução Industrial. A família era uma unidade nuclear de produção, em que o marido, mulher e filhos participavam juntos do trabalho na fazenda e também na oficina do artesão. O advento da fábrica, com seu novo modelo de trabalho, tirou pela primeira vez na história o trabalho e o trabalhador de sua casa, o que fragmentou a família, deixando alguns de seus membros para trás (HEINEMANN, 2012).

3.2. O Pai e a Função Paterna

O nascimento da Modernidade e a assunção da psicanálise são dois eventos que se entrelaçam, pois passaram a construir um lugar para se falar das subjetividades dentro da cultura. Desse modo, os fenômenos relacionados a elas passaram a ofertar coordenadas para o homem moderno quanto ao curso que

dariam aos estados democráticos, a sua própria civilidade e o desenvolvimento político e econômico. No tocante ao saber psicanalítico ele se propôs a investigar as configurações discursivas que o sujeito moderno passou a estabelecer consigo e com sua alteridade, bem como os efeitos disso nas suas condições e recursos psíquicas (MARTINS, 2016).

A compreensão do pensamento freudiano acerca da relação do sujeito com a cultura foi estabelecida a partir da dialética que se mantém entre as demandas civilizatórias e a vida pulsional (FREUD [1930/2010]). Qual o resultado da interação da vida pulsional com um modelo de civilidade posto pela cultura? Freud busca responder a isso da seguinte forma:

A educação civilizada almejava apenas reprimi-lo temporariamente, até o casamento, propondo-se depois liberá-lo, para dele se servir. Mas as tentativas de influência extremas são mais bem-sucedidas contra o instinto do que as moderadas; frequentemente, a repressão vai longe demais e tem a indesejável consequência de, após a liberação, o instinto sexual revelar-se permanentemente lesado (FREUD [1906/2015], 171).³

Freud se detém aos estudos dos meandros da civilidade vienense do século XIX e XX. Além do ponto de vista social e antropológico, ele vem interrogar o adoecimento psíquico constitutivo do laço social das pessoas da sua época partindo da família nuclear. No cerne dessa questão, ele busca construir um raciocínio para explicar as formas de constituição subjetiva e as patologias psíquicas a partir das suas articulações com os estudos teóricos e a prática clínica (MARTINS, 2016).

Com objetivo de desnaturalizar os discursos produzidos sobre os sujeitos e os efeitos da repressão na dinâmica psicossocial, o autor se insere nos estudos clínicos acerca dos complexos nucleares das neuroses, mediante a atmosfera antagônica da moral sexual com o espírito evanescente de liberdade no Ocidente. Seu interesse passa a ser as formas degradadas das relações familiares. Ele amplia as discussões sobre a moral sexual e se dedica a estudar a origem da moral a partir do parricídio e da proibição ao incesto, como formas de organização da experiência psíquica interna do indivíduo e dos espaços externos a ele. O lugar do Pai no

³ Ao ler essas traduções, apenas precisarão fazer o pequeno esforço de substituir mentalmente “instinto” por “pulsão”, “instintual” por “pulsional” (FREUD[1906/2015], p.8)

desenvolvimento do seu pensamento possibilitou a construção de um saber sobre os processos de subjetivação vistos dentro das clínicas e nos espaços coletivos (LAUREANO, 2012).

Por isso, a relação do pai com a psicanálise, encontra-se no pensamento freudiano um progressivo trabalho de constituir um método psicanalítico. A sua primeira discussão aparece nos *Estudos sobre a histeria (1895)*, onde lança mão da Teoria da Sedução como modelo explicativo das psiconeuroses. Através do relato das suas pacientes ele percebe que a experiência narrada por elas com o pai foi traumática. Assim, nesse primeiro momento, ele considera que os traumas psíquicos oriundos das experiências infantis contribuem para a etiologia das neuroses na idade adulta. Portanto, o primeiro pai é o pai do traumatismo, colado à imagem de um pai tirano (BONFIM; HENRIQUE, 2015).

O trauma no pensamento freudiano pode se percebido mediante a sua atemporalidade na realidade psíquica, podendo ocorrer ao longo dos acontecimentos da vida do sujeito. Tem a capacidade de reedição, desde que haja substrato psíquico para isso e a sua aproximação com a noção de desamparo, onde resta ao sujeito operar com a angústia da falta do outro. Conforme Zavaroni e Viana (2015) concordam que quando os primeiros cuidados falham ou faltam a criança poderá viver experiências de intensa angústia e de desamparo avassaladores.

Em *Totem e Tabu* Freud apresenta outra versão do pai, a partir das organizações das sociedades primitivas, onde pelos Totens (símbolos sagrados) e os Tabus (proibições de origem incerta) passaram a existir um nível de regulação das atividades coletivas. O pai da horda primeva era um tirano, que exercia seu poder de posse e usufruto das mulheres da horda, e mantinha a obediência dos seus filhos, prefigurando uma figura imaginária de um pai violento e sem limites (FREUD[1912/2013]).

Nessa obra, Freud investiga a origem do laço social, partindo do lugar desse pai, onde lhe cabia todo monopólio de gozo sob a sexualidade e agressividade. Enquanto seus filhos restavam à resignação da ambivalência entre manter a soberania desse pai e destituí-lo desse lugar como um inimigo a ser eliminado. De toda sorte, eles encontraram o parricídio como forma de romper com esse sistema, à medida que montavam outra forma de fazer laço social a partir dessa ruptura radical (FREUD[1912/2013]).

A insígnia da morte paterna teve vários desdobramentos dentro do sistema de horda. A canibalização pós-assassinato representava a identificação dos filhos com o lugar do pai, à medida que comer sua carne significava absorver seu poder. Não bastava destituí-lo desse lugar, eles tinham que consumir a imagem desse pai. Ao consumir esse pai possibilitaria ter acesso ao gozo sexual das fêmeas, esse suposto gozo que era restrito ao pai primevo. Isso denota que a morte e o sexual dentro desse sistema prefiguravam vertentes do laço social interrompido pela via da repressão.

O Pai totêmico é um ser autoritário, ativo e perverso que provoca o medo e mal-estar. A relação que ele estabelece é invasiva e verticalizada, sem espaços para a dialética e a dialógica. Existem lugares pré-definidos na relação desse Pai com a sua horda, ele é o sujeito e os demais são objetos. Não interroga o outro quanto aquilo que deseja, ou seja, há uma impossibilidade desse pai de reconhecer a alteridade (FREUD [1912/2013]). Acerca desse pai Malcher e Freire (2016) destacam que é um pai que favorece o laço social entre os seus filhos, por um sistema de leis definidos mais ele próprio não se enoda nesse laço, mantendo-se na zona de exceção.

Todavia, o parricídio desse pai imaginário, no sentido que mesmo morto exercia influência sob os viventes, desencadeou dois cenários para os desdobramentos das comunidades primitivas. Um primeiro momento é a identificação com o seu lugar de tirania e em outra cena o sentimento de culpa dos filhos em decorrência do parricídio, que posteriormente vai ser incorporado aos discursos acerca do sentimento de moralidade. Nesse sentido, foi necessária a criação dos sistemas simbólicos/leis para montarem estratégias de manter um nível de estabilidade social e regular a responsabilidade dos filhos diante da falta desse pai onipotente (SANTOS; CECCARELLI, 2017).

Sob essa questão, Dör(1991) salienta que o fantasma do pai sob a horda os fazia recusar subverter a lei da proibição ao incesto, ou seja, ter relações sexuais com as fêmeas que haviam libertado. Algo que a psicanálise passou a se familiarizar a partir dos sentimentos de culpa presente nos adoecimentos neuróticos.

Freud faz uma analogia entre o comportamento dos povos das comunidades primitivas com o neurótico moderno. Ele retrata os desejos inconscientes pela morte do pai e a realização da condição incestuosa. Contudo, na modernidade isso é barrado pelas convenções morais e religiosas sobre o sexo e a morte, mas isso não

anula o desejo do sujeito de transgredi-las de forma inconsciente, construindo um seu próprio mito individual (SENNA, 2010).

Complementando essa ideia, Freud ([1912/2013]) exemplifica que os desejos inconscientes dos neuróticos, em especial os obsessivos, sofrem de hostilidade inconsciente e são afetadas pelas suas excessivas manobras repressivas que visam afirmar os tabus da sociedade.

Na literatura freudiana, essa relação do pai com os sintomas neuróticos pode ser analisada tomando com base os sentimentos ambivalentes que o Pequeno Hans nutria inconsciente pelo seu pai. Dessa forma, Freud analisa que a energia pulsional pode ser deslocada para objetos, desde que esse ganhe status representativo na realidade psíquica do indivíduo. Assim, no caso da fobia de Hans de cavalos isso apontava para um material latente que era a sua agressividade direcionada para a figura paterna, que retornava em forma de angustia no seu imaginário como agente destruidor (BONFIM; HENRIQUE, 2015).

No segundo recorte do seu pensamento acerca da etiologia das neuroses e sua relação com a figura do pai, Freud faz o movimento de sair das queixas adultas para as demandas infantis das suas pacientes, e da realidade traumática para uma fantasia traumática. Nesse tempo, ele passou a interrogar a sexualidade infantil à medida que se aprofundava nos impactos da figura paterna na escrita da economia psíquica dos seus pacientes adultos (TEIXEIRA; MOREIRA, 2013).

Freud recorre a tragédia de Sófocles para falar sobre uma outra cena que se apresenta sobre o pai. Ele supera a teoria da sedução, e passa a considerar que a realidade psíquica da criança pode produzir um mundo de fantasias para lidar com isso. Inclusive essas podem ser de amor e de ódio para com as figuras parentais, uma dinâmica ficcional para dar conta da relação da criança com a realidade, tal qual o caso do Pequeno Hans citado anteriormente (TEIXEIRA; MOREIRA, 2013).

As primeiras considerações que Freud faz sobre o mito de Édipo é de 1900, onde busca compreender as problemáticas relacionadas ao Édipo com a origem da moralidade. Ele insere na montagem do Complexo de Édipo uma triangulação, onde a lógica do parricídio e da relação incestuosa com a mãe coordenam a dinâmica psíquica da criança no período fálico (ZANTETTI; HÖFIG, 2016).

Para o autor, nesse momento existe tanto a construção do SuperEu, uma instância psíquica pela qual vai organizar as interdições dos impulsos egóicos dentro de um sistema sociocultural, como a composição de elementos simbólicos pelos

quais o indivíduo se identifica dentro desse sistema, o que ele passa a chamar de Ideal do Eu(ZANETTI;HöFIG,2016). Conforme Freud ([1939/1976]) fala que essa instância moral é uma herança edipiana, e ela só se estabelece a partir da libertação do sujeito desse complexo.

A dissolução desse complexo só é possível quando opera a castração. É pela via da castração que o nó com o Super-Eu é feito. Ou seja, é pela via da castração que é possível a efetivação da passagem de um lugar do pai imaginário, que se estabelece mediante uma relação agressiva e de rivalidade, para um pai simbólico, onde haja oferta de significantes que possam operar na ausência-presença do pai morto (BLOCK, 2014).

Sobre esse pai simbólico Dör(1991) destaca que é na sua operação de interdito que as identificações sexuais são possíveis, onde se abre horizontes para se falar de algum lugar não necessariamente precisar ser a figura de um homem para introduzir o corte no imaginário fálico materno. É no movimento de alienação e separação que se opera a função de um pai, em conduzir o sujeito a dar uma significação fálica para seus atributos. Outrossim, os significantes do pai simbólico, ou seja, o significante fálico, é mediador da renúncia pulsional para se fazer laço com o social.

Ademais, essas considerações freudianas sobre a instância do Super-Eu apontam que os ideais da cultura jamais podem ser satisfeitos, e o desdobramento disso é aumento das exigências impostas pelos sistemas normatizadores, como por exemplo, a família, o Estado e a religião. Nessa perspectiva, existe uma aproximação entre a noção de Super-Eu e a pulsão de morte, pois o indivíduo precisa se destituir de algo da energia pulsional para adentrar ao sistema civilizado, uma operação que resta sempre algo irrecuperável (BLOCK,2014).

Dessa forma, Marcos e Sales (2017) falam que o lugar do pai no Complexo de Castração visa interditar o desejo da mãe diante da relação fusional com o bebê. Nesse sentido, possibilita que haja uma reorientação do sujeito para o investimento em outros objetos além das figuras parentais. A castração ao mesmo tempo em que limita possibilita a estruturação de uma condição desejante. Assim, os autores elucidam que no Complexo de Castração a figura do pai interdita algo do circuito pulsional, fazendo bordas e fronteiras no campo simbólico, à medida que mediatiza um modelo de Ideal para o sujeito se haver com o mal-estar na cultura.

Amplificando essa discussão freudiana acerca do Complexo de Castração e o pai em psicanálise Jacques Lacan segue fazendo uma distinção entre o Pai do R.S.I e a função paterna. O psicanalista introduz a categoria Nome-do-Pai para discorrer sobre essa diferenciação de uma categoria universal para uma noção particular (BETTS; WEINMANN; PALOMBINI, 2014).

O Nome-do-Pai é uma função metafórica, pela qual possibilita a entrada do sujeito no campo da cultura, e mediante isso a significação das perdas dessa operação de desnaturalização. Logo, o Pai em Lacan se articula no campo das leis da linguagem. No interim dessa questão a sua releitura crítica ao Complexo de Édipo envolve três tempos: O primeiro, a criança está totalmente submetida às leis maternas, o que implica a produção de angústia. No segundo tempo o Pai aparece como interdito da tríade mãe-criança-falo, mostrando-se a encarnação do Pai Imaginário, e no terceiro tempo existe a introdução da metáfora paterna, como função de libertar a criança da alienação do desejo materno e possibilitar a ascensão dessa a uma posição fálica (MARCOS; SALES, 2017).

A metáfora paterna é uma função estruturante, no sentido que a criança será apresentada às saídas para lidar com o recalque originário e o significante do desejo materno. Onde é mediante ela que se possibilita o deslocamento de significantes, isso inclui o próprio significante pai. Nesse sentido, é uma força motriz que possibilita costurar algo com o laço social, e seu fracasso pode resultar em contingências fora das normas e convenções (DÖR, 1991).

Na análise de Betts, Weinmann e Palombini (2014) existe a preocupação de Lacan em diferenciar o Pai Imaginário, do Pai Simbólico e do Pai Real. O primeiro Pai está relacionado à dialética da agressividade e idealização do lugar desse pai pela via da identificação. O segundo se encontra na construção mítica, ou seja, na transmissibilidade de uma realidade psíquica que o sujeito possa explicar o mundo e a si, e já o terceiro Pai é um lugar de hiância entre os outros, é por onde se dar a consistência para um gozo possível.

Portanto, na construção do pensamento freudo-laciano o lugar do pai é um operador clínico e cultural. No âmago dessa questão, como pensar essa instância-função diante das contingências do sujeito moderno? Sabe-se que nesse cenário incidem forças discursivas que corroboram com a ideia de que “a própria Lei social é considerada um artifício” e onde o gozar torna-se um imperativo moral (LUSTOZA; CARDOSO; CALAZANS, 2014, p.202).

3.3. O lugar do pai na contemporaneidade

Diante do cenário teórico-conceitual apresentado anteriormente, a literatura organiza o pensamento lacaniano acerca dos complexos familiares da seguinte forma: a família é um fato social, o progresso social afetou os papéis desempenhados pelos membros da família, como por exemplo, a dialética conjugal e as exigências do matrimônio e o discurso do capitalismo e da ciência afetaram a relação entre o sujeito a função do seu sexo (LACAN, 1981). Dessa forma, quais os efeitos desses rearranjos discursivos para o lugar do pai na contemporaneidade?

Lacan (2008) no texto *Os Complexos Familiares na formação do Indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia* considera que essa é um fato social, pois está incluída dentro de sistemas civilizatórios comuns, mas composta com formas de crenças, ritos e mitos diferentes. Isso significa que não há uma natureza da organização familiar, mas sim um efeito discursivo da cultura, que a movimenta.

Percebe-se isso no que tange o lugar do pai moderno nos arranjos familiares. Heinemann(2012) considera que esse lugar vem sofrendo constantes transformações, que se iniciaram a partir da destituição do papel social do homem-procriador-genitor pela insurgência de movimentos sociais que desnaturalizaram o lugar do pai protetor e o da mãe cuidadora, fazendo com que haja o deslocamento da autoridade centrada na paternidade para autoridade parental. Além do mais, a autora também considera que esses movimentos microssociológicos se capilarizaram para movimentos macrossociais, como o enfraquecimento do poder do Estado, do poder do pai sob a instituição familiar, dos agentes educacionais sob seus alunos e da Religião sob as suas crenças.

Então, esses fenômenos corroboram com a perspectiva que na modernidade a imago paterna vem declinando. Todavia, nas concepções de Zafiropoulos (2003) é necessário também se atentar para algo que Lacan coloca como o declínio da função paterna, ou seja, algo que na sua tese aparece para além do Édipo. Encontra-se nos laços do sujeito com Outro, que passaram a ser inconsistentes, faltosos e incompletos, mexendo estruturalmente nos processos de subjetivação e constituição subjetiva.

Nessa leitura, as palavras de Lacan (1995, p.215) introduzem novas questões para se buscar discutir as lógicas contemporâneas que o sujeito moderno segue

para lidar com o discurso do grande Outro, ele coloca que o “pai simbólico não está em parte alguma. Ele não intervém em parte alguma”. Então, o que resta ao sujeito diante do declínio da função paterna na contemporaneidade?

O lugar de declínio da função paterna representa o declínio de ideias morais e religiosos, tanto relacionados a si mesmo com ao seu laço social. Como o lugar do pai na constituição subjetiva significa um interdito ao desejo e a ascensão a ordem fálica da vida, a perda de referência tem provocado a desorientação do sujeito moderno quanto à dimensão do seu saber e da sua verdade, colocando-o no lugar de servo dos imperativos de gozo (SANTOS; MORAES, 2005; BISPO et al, 2017).

Portanto, os efeitos desse declínio recaem em alterações nas formas de vida grupais e singulares. Isso implica nas “reinterpretações da perda das experiências liberais, disciplinares, românticas”, que por sua vez estão conectadas aos novos modos de sofrimento subjetivos, “expressos na contradição entre aspirações de reconhecimento e determinações simbólicas pelas quais estas deveriam se efetuar”, denotando que o sujeito moderno encontra-se mais diante de impasses do que confrontado com seu mal-estar (DUNKER, 2011, p.120).

Por isso, nessas concepções psicanalíticas o pai simbólico ou o Nome-do-Pai representa uma função que aproxima o desejo da Lei. Isso significa, que da forma como está posto, o declínio da função paterna gera uma perda sobre a condição desejante. Logo, o sujeito moderno vive nos impasses de nomear aquilo que deseja, experienciando uma crise da palavra e de se referenciar por algo, o que faz mergulhar em um estado de desorientação. Assim, o ideal passa a não ser uma posição de gozo, mas sim condição essencial para o que se chama mais-de-gozar (SANTOS; MORAES, 2005).

Essa crise no lugar do pai tem por consequência o apelo desesperado para que se façam suplência a figura paterna e a desistência conformada, que está relacionada à identificação com o pai morto. Sendo que, atualmente vivem-se formas de gozos mortíferos que se sobressaem ao recurso simbólico da palavra, como por exemplo: as toxicomanias, os suicídios e afetações psicossomáticas. Isso aponta para uma ruptura radical do sujeito com seu laço social, e no pensamento de Lustoza, Cardoso e Calazans (2014) a falência da autoridade simbólica abre um espectro para os sintomas modernos dos sofrimentos que tem a via do ato como a forma de se inscrever na cultura.

Acerca do Nome-do-Pai e o sintoma em psicanálise Heinemann e Chatelard (2012) falam que a função do Nome-do-Pai/paterna de certa forma faz uma inscrição sintomática nas impressões psíquicas do sujeito pela via da castração, no entanto, isso não se inscreve todo na sua realidade psíquica. Elas, embasada no pensamento lacaniano, sugerem pensar que existe algo dessa função que se movimenta e se faz movimentar pela via do real.

No percurso desse raciocínio, Lima (2013) considera que a relação entre real e gozo se encontra pela via do resto irrepresentável e residual, onde o papel do circuito pulsional é possibilitar posições pelas quais o sujeito gozará, e tentará através dessas recuperar o seu estado de plenitude primordial. Dessa maneira, o gozo tem a ver com um lugar de perda do *objeto a*, enquanto o mais-de-gozar corresponde a operação de perda do gozo. Por isso, a introdução do conceito Nome-do-Pai nesse argumento aparece como sendo uma versão possível para o próprio gozo.

Na modernidade, percebe-se que essa relação entre sujeito e o gozo é mediada pelo capital. O discurso capitalista forja semblantes de *objetos a*, suplementando a estrutura desejante do sujeito. Assim, o discurso do capitalismo e as formas de gozo são percebido mediante aos imperativos do mercado de consumo. Dito isso, o consumo de objetos de gozo tem por objetivo tamponar a falta de gozo, e o mais-de-gozar emerge como fabricação do discurso que se deve e se tem direito de gozar freneticamente. Esse discurso é uma normativa social que defende o modo de consumo a todo custo, isso inclui a própria exclusão/captura da função do Nome-do-Pai (PENA, 2017).

A pluralidade das versões possíveis para o Nome-do-Pai transmite a função de exceção, que ao mesmo tempo interdita é causa de desejo. O declínio da função paterna na modernidade é indissociável da crise do poder, gerido no berço do desenvolvimento do discurso da ciência e do capitalismo. Nesse sentido, o pai moderno não está à altura da sua função, desvelando o profundo estado de impotência e de sua resignação aos imperativos imaginários do tecnocapitalismo (LIMA, 2013).

Com o declínio da função paterna, a singularidade desaparece. A globalização promove a homogeneização de pessoas e valores. Nessa cultura global, uma forma que o sujeito encontra de se particularizar é se servindo da particularidade do objeto do seu gozo. Esse objeto é particular, mas não é singular, não é o resultado da produção de um sujeito. Ele é industrializado e oferecido a todos,

transformado em um objeto ideal pela mídia e colocado à disposição pela indústria do consumo. São criados vários grupos que, no lugar de terem o Nome-do-Pai como ponto em comum, isto é, no lugar de terem colocado um nome próprio na posição de ideal, colocaram o objeto do seu gozo (LIMA, 2013, p.490).

A versão do pai como objeto de gozo cria margens para dois polos de sofrimento que estão efervescendo nos discursos científicos contemporâneos: modos de vidas acelerados, tidos como hiperativos ou maníacos e modos de vida depressivos. De um lado elenca-se uma multiplicidade de objetos fetichizados pelo discurso capitalista, dos quais são como próteses para o sujeito lidar com a realidade e no outro uma ruptura com a lógica de mercado de produção.

Análogo a essa discussão, Bernardino e Kupfer (2008) realizaram uma pesquisa multicêntrica nacional partindo da hipótese que o lugar da criança do início do século XXI é o lugar de mestre do gozo. Elas investigaram cerca de 680 crianças e seus responsáveis até a idade de 18 meses e 300 crianças com 3 anos. A escolha desses sujeitos foi com base nos sintomas clínicos de: “falta de limites, agitação motora e dificuldade de separação”. .

Diante dos seus achados, elas puderam considerar que um percentual significativo das crianças brasileiras até os 3 anos de idade elencavam uma série de impasses no que se refere as suas articulações pulsionais com as normas culturais, ou seja, as fronteiras com os outros. Assim, isso pode ser percebido nas 267 crianças alcançadas no desenrolar da pesquisa, tem-se o seguinte desdobramento: 46,2% apresentaram manifestações perante as normas culturais. Dessa porcentagem, 10% recorriam a castigos corporais como estratégia para obedecer, 7,6 % não respeitam limites e ficam confusas e angustiadas frente as leis, 7,5% apresentam birras prolongadas, 6,5 % eram desobediente e desafiadores as suas figuras de autoridade, 4% recusam o “não” e 3% não aceitam a inserção de terceiro na sua relação com a mãe.

Portanto, é inegável que as modificações discursivas em torno do pai afetaram a composição de subjetividades, de arranjos familiares e no exercício do poder das instituições. Nesse sentido, a dinâmica fluida e horizontal que se estabelece a partir da destituição do lugar do patriarcado na cultura tem efeitos no próprio corpo, nas identidades, no adoecimento e a performatividade do sujeito moderno. Havendo de considerar as suas próprias saídas para lidar com a castração

e o seu lugar fálico, ou seja, como esse lida com a perda do gozo e quais vias têm encontrado além do mercado capitalista para produzir desejo.

.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na contemporaneidade as transformações macrossociais andaram em conjunto com as microssociais, nesse sentido percebe-se como a ciência e o capitalismo foram fortes propulsores para alavancar rupturas com os paradigmas dogmáticos e morais, até então disseminados como verdades absolutas pela Religião e Estado. Os desdobramentos disso são as influências nos modos de relação entre os pais e seus filhos, marcado pelo declínio da autoridade paterna e da polarização entre sistemas matriarcais e patriarcais.

O declínio da função paterna é debatido pelos autores citados nesse trabalho, que atestam falhas no exercício de tal função, e ainda o associam aos aspectos como as mudanças sociais, a inversão de posições entre os papéis dos adultos e das crianças, e a revolução industrial que gerou o desenvolvimento da tecnociência. Isso afeta diretamente a relação do sujeito com a cultura, pois esse tem encontrado saídas para aplacar a sua perda constitutiva a partir de mecanismos atrelados ao consumismo, que vende o discurso que é possível recursar radicalmente o laço social, e concentrar-se na exacerbação da individualidade, tamponar a falta através do consumo de mercadorias.

Com a promessa de felicidade estabelecida pelo consumo e o gozo desenfreado, o desejo e a palavra vem sendo substituídos e silenciados, cada vez mais, por objetos que não dão conta de sustentar o desejo e nem possibilitam a sua expressão. Isso faz com que o sujeito seja capturado radicalmente pelo mercado, mantendo-se alienado ao discurso efervescente da indústria de artifícios que fetichizam as singularidades. Ele converte o produto dessa ação em próteses identitárias, onde através delas possam homogeneizar todas as diversas formas que o sujeito faz laço, ou seja, as saídas que cada um faz para lidar com sua ausência-presença.

No tocante a tal fato, torna-se importante o questionamento em torno do que é necessário para que o sujeito ponha limites em seu gozo e adentre no laço social. Investigar o lugar do pai foi elucidativo para construir caminhos pelos quais possa se fazer análise mais conjecturais sobre os mecanismos pelos quais o gozo constitutivo

do sujeito vem sendo subtraído pelo mercado e lançado como produto no mercado do saber. Assim, o lugar do pai ora como instância imaginária e em outra como função operou como catalizador para buscar discutir o cenário tanto dos arranjos atuais das famílias, como as parcerias que o sujeito moderno tem feito entre seus pares e com os que são diferentes nos seus diversos lugares no laço social.

Portanto, a literatura investigada serviu como bússola para os horizontes possíveis de discussões e diálogos sobre o lugar do Pai e da sua função na contemporaneidade. Nesse sentido, destaca-se que a partir das produções teóricas e reflexivas percebeu-se que a reorganização intrafamiliar foi afetada pelos avanços tecnológicos, os novos modos de subjetivação, a globalização e o crescimento do consumismo. As intersecções entre o discurso do saber científico com o do capitalismo mostram que a busca de um ideal social normativo de uma família, de um sujeito ou uma instituição estão a serviço de um modo de produção de singularidades permeado pela asfixia da condição desejante e do estrangulamento dos laços de alteridade.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. *História Social da Criança e da Família*. 2 ed. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BISPO, Fábio, S., MARTINS, Aline S., CANUTO, Luiz Gustavo G., SOUZA, Marcelo F. G., MELO, Maria do Carmo, P., Pinto, Tatiana S. O que é um pai? A função paterna nos momentos iniciais do ensino de Lacan. *Psicologia Revista*, 26(1), 81-108. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/30988>>

BIRMAN, J. *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Editora Record, 1999.

BLOCK, James E.. Do Supereu ao ideal do eu: para um novo modelo de autodesenvolvimento. *Trivium*, Rio de Janeiro, v. 6, n. 2, p. 98-108, dez. 2014. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912014000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 11 nov. 2018.

BONFIM, Leilane Gabriela; HENRIQUES, Rogério Paes. O caso O pequeno Hans: o sintoma fóbico como janela para o mundo. *Revista de Psicanálise da SPPA*, v. 22, n. 2, p. 359-380, 2015. <<http://www.revista.sppa.org.br/index.php/RPdaSPPA/article/view/147>>

DÖR, Joel. **O pai e sua função em psicanálise**. J. Zahar, 1991.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Mal-estar, sofrimento e sintoma. *Tempo Social, revista de sociologia da USP*, v. 23, n. 1, p. 116, 2015. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v23n1/v23n1a06>

FREUD, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo-1939*. In: edição Standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1976. vol. 23. p. 100-160

FREUD, Sigmund. *O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, Sigmund. *Totem e Tabu: algumas concordâncias entre a vida psíquica dos homens primitivos ea dos neuróticos*(1913). PenguinClassics Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. *A moral sexual “cultural” e o nervosismo moderno*(1906-1909). v. 8. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2015.

GOMES, Isabel Cristina; PAIVA, M. L. S. C. Casamento e família no século XXI: possibilidade de holding. *Psicologia em Estudo*, v. 8, n. especial, 2003. Disponível<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/pe/v8nspe/v8nesa02.pdf>>

HEINEMANN, GiovanaBessa Borges; CHATELARD, Daniela Scheinkman. Concepção atual de família: do declínio da função paterna aos novos sintomas. *Rev.Mal-EstarSubj*, Fortaleza , v. 12, n. 3-4, p. 639-662, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482012000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 nov. 2018.

LACAN, Jacques. *Os complexos familiares na formação do indivíduo: ensaio de análise de uma função em psicologia*. Zahar, 2008.

LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995. p.205-231.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. A. Fundamentos da metodologia científica. In: *Fundamentos da metodologia científica*. Altas, 2010.

LAUREANO, Pedro Sobrino. Psicanálise, trabalho imaterial e pós-modernidade. *Trivum*, Rio de Janeiro , v. 4, n. 2, p. 45-57, dez. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2176-48912012000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 09 nov. 2018.

LIMA, Nádia Laguárdia de. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Rev.Mal-EstarSubj*, Fortaleza , v. 13, n. 3-4, p. 461-498, dez. 2013 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482013000200002&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 nov. 2018.

LIMA, Nádia Laguárdia. As incidências do discurso capitalista sobre os modos de gozo contemporâneos. *Revista Subjetividades*, v. 13, n. 3-4, p. 461-498, 2016. Disponível em <<http://periodicos.unifor.br/rmes/article/view/5090>>

LUSTOZA, Rosane Zétola; CARDOSO, Mauricio José d'Escragnolle; CALAZANS, Roberto. "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*(Rio J.),Rio de Janeiro , v. 17, n. 2, p. 201-213, Dec. 2014 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982014000200003&lng=en&nrm=iso>.access on 11 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982014000200003>.

MARTINS, Luiz Paulo Leitão. A verdade entre o mesmo e o outro: a modernidade e a psicanálise em Foucault. *Psicol. USP*,São Paulo , v. 27, n. 1, p. 70-77, Apr. 2016 .Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642016000100070&lng=en&nrm=iso>.access on 08 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/0103-656420140025>

MALCHER, Fabio; FREIRE, Ana Beatriz. Laço social, temporalidade e discurso: do Totem e tabu ao discurso capitalista. *Ágora* (Rio J.),Rio de Janeiro , v. 19, n. 1, p. 69-84, Apr. 2016 .Availablefrom<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982016000100069&lng=en&nrm=iso>.access on 20 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S1516-14982016000100005>.

PENA, Breno Ferreira. Desejo roubado: capitalismo contemporâneo e mais-de-gozar. *Reverso*,Belo Horizonte , v. 39, n. 74, p. 75-81, dez. 2017 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000200010&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 26 nov. 2018.

ROUDINESCO, E. *A família em desordem*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2003.

SANTOS, Marcell Felipe A.; CECCARELLI, Paulo Roberto. Nem o “Espírito Santo” se livra do caos. *Reverso*,Belo Horizonte , v. 39, n. 73, p. 91-97, jun. 2017 Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-73952017000100011&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 10 nov. 2018.

SANTOS, Tania Coelho dos; AZEREDO, Fabio André Moraes. Um tipo excepcional de caráter. *Psyche*,São Paulo , v. 9, n. 16, p. 77-95, dez. 2005 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415-11382005000200006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 19 nov. 2018.

SENNA, Alba, BAR, Clara, GOMES, Marcia, G., GUILHON, Margarida, KUPFERBERG,Marylink. Opaina psicanálise. *Primórdios-CPRJ*,2010, p.:91-116<Disponível em http://cprj.com.br/primordios/02/ISO-8859-1_09 REVISTA_PRIMORDIOS_2012_O_PA.pdf

SOUZA, A. *Os discursos na psicanálise*. 2008. Rio de janeiro, Companhia de Freud.

TEIXEIRA, LeôniaCavalcante;OLIVEIRA MOREIRA, Jacqueline. O Eu e o Outro no mito freudiano da fundação da cultura. *Psicologia em Revista*, v. 19, n. 2, p. 187-202, 2013. Disponível em

<<http://200.229.32.55/index.php/psicologiaemrevista/article/view/P.1678-9563.2013v19n2p187>>

ZAFIROUPOULOS, Mark. Nossa arqueologia crítica da obra de Lacan: Lacan e as ciências sociais; Lacan e Lévi-Strauss. *Revista Estudos Lacanianos*, Belo Horizonte, v. 2, n. 3, p. 31-44, 2009. Disponível em <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/rel/v2n3/v2n3a04.pdf>>

ZANETTI, Sandra Aparecida Serra; HOFIG, Julia Archangelo Guimarães. Repensando o Complexo de Édipo e a Formação do Superego na Contemporaneidade. *Psicol.cienc. prof.*, Brasília, v. 36, n. 3, p. 696-708, Sept. 2016 .Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932016000300696&lng=en&nrm=iso>.access on 11 Nov. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001652014>.

ZAVARONI, Dione de Medeiros Lula;CAMARGO VIANA, Terezinha. Trauma e Infância: considerações sobre a vivência de situações potencialmente traumáticas. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 31, n. 3, p. 331-338, 2015. Disponível em <https://revistaptpt.unb.br/index.php/ptp/article/view/2273>